

Josiane Duarte dos Santos Crizel  
(Org.)

*De mãe para filha  
e de filha para o mundo*

*De mãe para filha e  
de filha para o mundo*

INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE

Reitor

Carlos Jesus Anghinoni Correa

Vice-Reitora

Lia Joan Nelson Pachalski

EDITORA IFSUL

Editor Executivo

Marcelo Bender Machado

**Conselho Editorial**

Marcelo Bender Machado (Presidente)

Carla Rosani Silva Fiori

Jean Marcos da Silva

Kal El Basílio Brito

Klaus Boesch

Marcelo Peske Hartwig

Mariana Jantsch de Souza

Nei Jairo Fonseca dos Santos Junior

Roberta Bermudes dos Santos Silva

Rodrigo Kohn Cardoso

Editora IFSul

Rua Gonçalves Chaves, 3218 – sala 122

96015-560 – Pelotas – RS

Fone: (53) 3026.6094

[editoraifsul@ifsul.edu.br](mailto:editoraifsul@ifsul.edu.br)

<http://omp.ifsul.edu.br>

Josiane Duarte dos Santos Crizel  
(Org.)

*De mãe para filha e  
de filha para o mundo*



Pelotas

© 2026 Editora IFSul



Este livro está sob a licença Creative Commons ([br.creativecommons.org](http://br.creativecommons.org)), que segue o princípio do acesso público à informação. O livro pode ser compartilhado desde que atribuídos os devidos créditos de autoria. Não é permitida nenhuma forma de alteração ou a sua utilização para fins comerciais.

Coordenação editorial: *Carla Rosani Silva Fiori*

Revisão: *Suelen Sarmiento Ferreira*

Capista: *Josiane Duarte dos Santos Crizel*

Diagramação final: *Josiane Duarte dos Santos Crizel*

Este livro segue o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todas as informações da obra, como as marcas registradas, as logomarcas, as imagens e quaisquer outros conteúdos utilizados, são de responsabilidade das/os autoras/es e/ou organizadoras/es.



**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

D278 De mãe para filha e de filha para o mundo [recurso eletrônico] /  
Josiane Duarte dos Santos Crizel (Org.) -- Pelotas : Editora  
IFSul, 2026.  
51 p.: il. color.

Modo de acesso: <http://omp.ifsul.edu.br/>  
ISBN: 978-65-89178-39-2

1. Poesia. 2. Escrita autobiográfica. 3. Relações familiares.  
4. Memória - Aspectos sociais. 5. Envelhecimento - Aspectos  
sociais. I. Crizel, Josiane Duarte dos Santos. II. Título.

CDD B869.1

Biblioteca responsável: Rosana Machado Azambuja - CRB 10/1576

*Dedico esta obra a todos os familiares, parentes, amigos,  
colegas e vizinhos que, de alguma maneira, conheceram  
minha mãe, Vera Lurdes Duarte.*



*Agradeço à minha mãe, pela vida e por ter deixado esses escritos. Ao meu marido e aos meus filhos, por fazerem parte da minha vida. Ao meu irmão, aos meus primos, às minhas primas, ao meu tio e às minhas tias, por ajudarem a lembrar algumas histórias vividas com minha mãe.*

# Sumário

*Apresentação*..... 10

## *Capítulo 1: Desabafos*

*As Memórias*..... 16

*A Solidão*..... 18

*Os Sonhos*..... 19

*O Silêncio*..... 20

*A Desilusão*..... 22

*A Despedida*..... 23

*O Meu Amor*..... 24

*A Morte*..... 26

## *Capítulo 2: Músicas*

*Vem pra roça*..... 28

*Quero me casar*..... 30

*Funk dançar*..... 32

## *Capítulo 3: Homenagens*

*Minha Princesinha do Sul*..... 35

*Meu Netinho*..... 39

*Minha Netinha*..... 40

*Minha Filhinha*..... 41

*Resposta da Filhinha*..... 44

# *Apresentação*

# Apresentação

Você já experimentou sentimentos como solidão, tristeza, raiva, decepção, orgulho, alegria ou amor? Se sim, talvez também já tenha sentido a necessidade de expressá-los. A escrita pode ser uma forma poderosa de dar voz a esses sentimentos. Seja por meio do lápis e do papel, seja pelo teclado de um computador, registrar pensamentos e emoções é um gesto simples, mas profundamente significativo. Escrever pode aliviar o coração, ser um gesto de cuidado consigo mesmo e, muitas vezes, permitir que experiências individuais encontrem eco na vida de outras pessoas.

Esta obra nasce justamente dessa prática: a escrita como espaço de expressão, memória e companhia diante das adversidades da vida. Nas páginas que seguem, o leitor encontrará fragmentos da trajetória de uma mulher gaúcha, humilde, trabalhadora, mãe, avó e idosa, que encontrou na palavra escrita uma forma de registrar sentimentos vividos ao longo de sua vida. Para Vera Lurdes Duarte, escrever tornou-se uma maneira de dialogar consigo mesma e de amenizar a solidão, registrando pensamentos que talvez jamais fossem compartilhados em voz alta.

Vera era, para muitos, uma fortaleza. Sempre procurou enfrentar as dificuldades com coragem e dignidade, evitando sobrecarregar os outros com o peso de suas angústias e dores. Assim, o papel e a caneta tornaram-se suas testemunhas silenciosas e suas companhias constantes. Neles, deixou registrados desabafos, reflexões, memórias e, sobretudo, demonstrações de amor pelas pessoas de sua família — sentimentos que, muitas vezes, no cotidiano, deixamos de expressar. Afinal, quantas vezes celebramos datas especiais sem dizer com clareza aquilo que sentimos? Se, por vezes, as palavras faladas nos faltam, talvez a escrita possa cumpri-las.

A organização desta obra é resultado de um gesto de memória e de cuidado. Eu, Josiane, filha de Vera Lurdes Duarte e organizadora desta publicação, assumo aqui

o papel de reunir, preservar e compartilhar os escritos que minha mãe deixou. Ao fazê-lo, não busco apenas homenagear sua história, mas também permitir que sua voz — antes registrada apenas em cadernos pessoais — possa alcançar outros leitores.

Hoje sou uma mulher adulta, mãe de dois filhos, servidora pública federal, formada em curso técnico, duas graduações, uma especialização e um mestrado — todos realizados em instituições públicas de ensino. Essas conquistas são, em grande parte, fruto do incentivo constante de minha mãe, que sempre acreditou na educação como caminho de transformação, embora as circunstâncias de sua própria vida não lhe tenham permitido concluir o ensino médio. Mesmo assim, conseguiu formar-se como auxiliar de enfermagem, profissão que exerceu com dedicação por mais de trinta anos.

Esse contraste revela muito sobre sua geração: mulheres que, muitas vezes privadas de oportunidades educacionais formais, ainda assim cultivaram o desejo de aprender, de se expressar e de construir caminhos melhores para seus filhos.

Os textos reunidos nesta obra são, portanto, fragmentos dessa experiência. Encontram-se aqui quinze escritos de autoria de Vera, organizados em três capítulos: Desabafos, Músicas e Homenagens.

No primeiro capítulo, composto por oito textos, emergem reflexões sobre pobreza, solidão, desilusão e morte. Neles, Vera revisita aspectos de sua infância marcada pela escassez e pelo trabalho precoce. Seus relatos recordam uma realidade em que brinquedos, roupas e até o tempo para brincar eram limitados — suficientes apenas para garantir a sobrevivência.

Ainda muito jovem, precisou deixar o interior do município de Piratini para trabalhar em residências na cidade de Pelotas, ambas no estado do Rio Grande do Sul. Nessas casas, dedicava-se integralmente às tarefas domésticas, vivendo em condições extremamente rígidas, sem espaço

para lazer ou estudo. Esses episódios revelam uma realidade compartilhada por muitas meninas e mulheres de sua geração, cujas trajetórias foram marcadas pelo trabalho invisível e por oportunidades limitadas.

Na fase final de sua vida, novos desafios surgiram. Vera descobriu a necessidade de realizar uma cirurgia para substituição de uma válvula cardíaca justamente no período em que seu companheiro enfrentava graves complicações decorrentes da diabetes, que levaram à amputação de uma de suas pernas. Ela assumiu novamente o papel de cuidadora até o falecimento dele. Pouco tempo depois, enfrentou também a pandemia de Covid-19, contraindo o vírus e passando por uma recuperação difícil e solitária.

O capítulo Músicas revela uma dimensão mais leve e criativa de sua escrita. Nesses textos, Vera ensaia versos com ritmo musical, misturando humor, crítica social e memórias pessoais. Em *Vem pra roça*, revisita a infância no meio rural, quando precisava ajudar no sustento da família numerosa, marcada pelo trabalho na lavoura. Em *Quero me casar*, expressa o desejo de formalizar uma união — expectativa compartilhada por muitas mulheres de sua geração. Já em *Funk dançar*, aborda aspectos de sua própria velhice com ironia e irreverência, transformando experiências pessoais em expressão poética.

No capítulo final, *Homenagens*, Vera dedica palavras afetuosas à cidade onde viveu grande parte de sua vida, aos netos recém-nascidos e à filha que concluiu sua formação acadêmica. Esses textos revelam o orgulho e o amor que nutria por sua família. Infelizmente, não tive a oportunidade de lhe prestar uma homenagem em seu aniversário de setenta anos, data que planejávamos celebrar com uma festa. Seu falecimento ocorreu um ano antes. Por essa razão, no último texto desta publicação, de minha autoria, procuro expressar parte do amor e da gratidão que sinto por ela.

A organização desta obra representa, portanto, mais do que a reunião de textos pessoais. Trata-se de um gesto de preservação da memória e de valorização de uma história de vida que, como tantas outras, poderia permanecer restrita ao espaço íntimo da família. Ao resgatar e compartilhar esses escritos, procuro dar visibilidade à trajetória de uma mulher cuja experiência reflete a realidade de muitas outras mulheres brasileiras: vidas marcadas pelo trabalho, pelo cuidado com a família, pela superação de adversidades e pela busca por dignidade.

Nesse sentido, a história de Vera Lurdes Duarte ultrapassa sua dimensão individual. Ela dialoga com a história coletiva de inúmeras mulheres que, embora nem sempre reconhecidas publicamente, sustentaram famílias, comunidades e gerações inteiras com sua força e dedicação. Registrar essas trajetórias é também uma forma de reconhecer a importância dessas experiências na construção de nossa memória social.

Estes escritos representam, para mim, um acalento diante da saudade, mas também a realização de um desejo de Vera: o de escrever um livro. Ao longo de sua vida, ela enfrentou inúmeras dificuldades, mas soube construir conquistas importantes. Saiu da extrema pobreza, alcançou melhores condições de vida, adquiriu sua casa, seus bens e formou uma família da qual se orgulhava profundamente. Uma de suas maiores alegrias era afirmar que seus filhos haviam concluído o ensino superior.

Nos últimos dias de sua vida, ainda no pronto-socorro, presenciei Vera dizer a uma amiga que se sentia grata pela vida: “Tive um casal de filhos, um casal de netos e vivi um grande amor”. Essas palavras resumem, talvez, o sentido mais profundo desta obra: reconhecer o valor de uma trajetória marcada por desafios, mas também por afetos, conquistas e gratidão.

Histórias como a de Vera se assemelham às de tantas outras pessoas que permanecem invisíveis em nossa sociedade. Se, ao ler estas páginas, você reconhecer algo de sua própria história ou da história de alguém próximo, sinta-se também aqui homenageado.

Que estes textos possam inspirar o leitor a reconhecer o valor das memórias familiares, da escrita e das narrativas que atravessam gerações. Registrar sentimentos, experiências e lembranças é também uma forma de preservar vidas, dar sentido ao passado e manter viva a voz daqueles que ajudaram a construir quem somos.

Boa leitura.

*Capitulo 1:*  
*Desabafos*

# As Memórias

Sou uma mãe semianalfabeta  
Que nunca recebeu ajuda do governo para criar seus dois filhos,  
Os quais ama mais que a própria vida,  
Até mesmo antes de serem gerados.

Está, a todo momento, pensando neles,  
Sonhando que se deem bem.

Nunca saí da zona de conforto,  
Porque nunca tive uma.

Desde os sete anos saí de casa para trabalhar  
E nunca mais parei.  
O dinheiro que ganhava  
Era para sustentar meus pais.

Fui torturada por eles.  
Eram eles que tocavam o sarrafo,  
Eram eles que escolhiam o que eu deveria fazer,  
Eram eles que davam ordens para tudo.

E eu tinha sempre que obedecer,  
Sem saber o que eles queriam,  
Pois não me ensinavam.

Eu era obrigada a caminhar de pés descalços  
De 30 a 40 quilômetros na geada,  
Sem ter vontade.

Mesmo assim,  
Cuidei deles até a morte.  
Amei os dois  
E os amarei até o meu fim.



Figura 1 – Os pais de Vera, em 1982.  
Fonte: Acervo da família.

# A Solidão

Por que será que é tão difícil sair da solidão?

Acho que esse sempre foi o meu destino.

Desde a minha infância, sentia-me muito só.

Como éramos muito pobres, minha mãe não podia comprar roupas

E calçados para todos os filhos.

Eu sempre sobrava, sem ganhar nada.

Aos domingos, o pessoal caminhava léguas para se divertir,

E eu ficava encostada em uma grande pedra,

Com um vestido feito de saco branco de açúcar tingido

E os pés descalços.

Ficava ali toda a tarde,

Com os olhos cheios de lágrimas,

Olhando até onde minha visão alcançava.

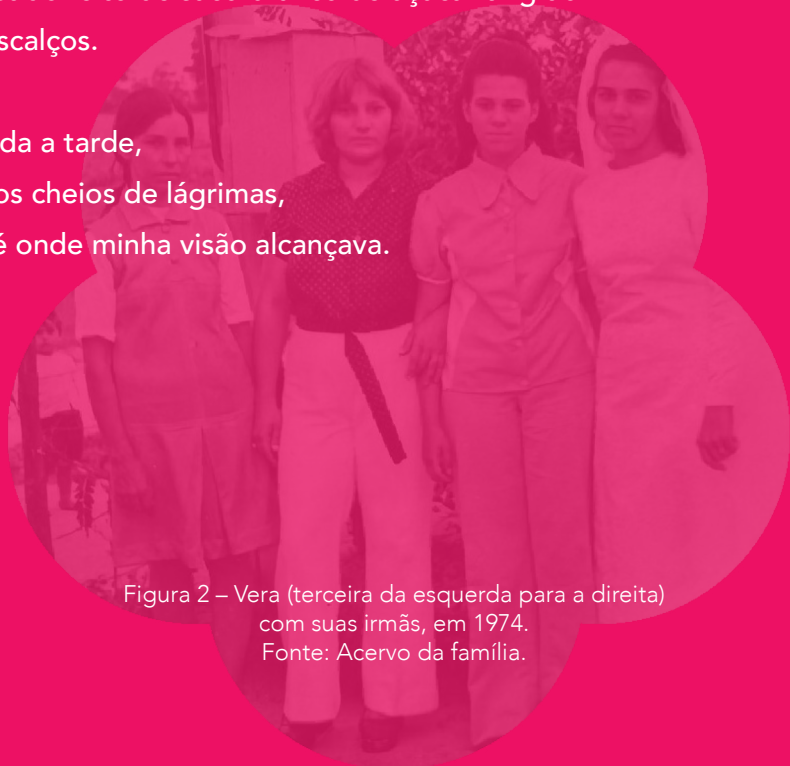


Figura 2 – Vera (terceira da esquerda para a direita) com suas irmãs, em 1974.  
Fonte: Acervo da família.

# Os Sonhos

Sonha-se em ter uma família  
E acaba-se na solidão.

Até o marido perdi para o colchão.

Minha companheira era a televisão,  
Mas nem ela eu ligo mais, não,  
Porque sempre tem uma notícia de primeira mão  
De bandido ou ladrão.

Não gosto de religião.  
E política, que confusão!  
É só Petrobras, Lava Jato e mensalão.  
Não quero mais nada disso, não.



Figura 3 – Vera ao lado de seus filhos e netos, em 2021.  
Fonte: Acervo da família.

# O Silêncio

Minha solidão é tão grande  
Que sinto emoção  
Com minha própria assombração.

A tristeza se tornou meu bichinho de estimação.  
O silêncio é uma escuridão  
Em que nem fechar os olhos para dormir  
É obrigação.

Tem tanto espaço no meu coração,  
Só está faltando alguém querer morar.

Minha boca dói  
De tanto fechada ficar.

O silêncio me dá medo,  
A solidão, compaixão.

Se eu pudesse conhecer teu coração,  
Com certeza não estaria nessa escuridão.

A falta de luz me apavora.  
Tenho tanta vontade de ir embora.

Um dia, quem sabe, coragem terei.  
Certamente jamais voltarei.

Se voltar,  
Será só para dizer-te  
Que não me arrependi.

Foi você que me perdeu,  
Não fui eu que te perdi.

Minha cabeça está pesada  
E, ao mesmo tempo, vazia.

Estou só, mas acompanhada  
Das minhas dores, tristezas e agonias.

Como eu queria  
A tua companhia,  
Nem que fosse no silêncio  
Que nos mantinha  
Cada um na sua vidinha.



Figura 4 – Vera e seu amor no chalé, 2018.

Fonte: Acervo da família.

# A Desilusão

Mais um dia de muita tristeza, sem razão.

É uma dor tão grande no coração,  
Lágrimas que correm no rosto  
Sem explicação.

O silêncio é tão grande  
Que escuto meus próprios pensamentos.

A gente vive com tantos sonhos e planos,  
Mas, de repente, fica tudo tão vazio  
Que nem dormindo se consegue sonhar.

Nessa altura da minha vida,  
Queria somar amizades,  
Mas tive que diminuir,  
Contra minha vontade.

Perder pessoas para a morte,  
Sabe-se que isso vai acontecer.  
Mas perder por falta de caráter  
É muito difícil de entender.

Pessoas boas também já magoaram outras.  
Ninguém está ileso de errar.  
A diferença é que algumas  
Buscam melhorar.

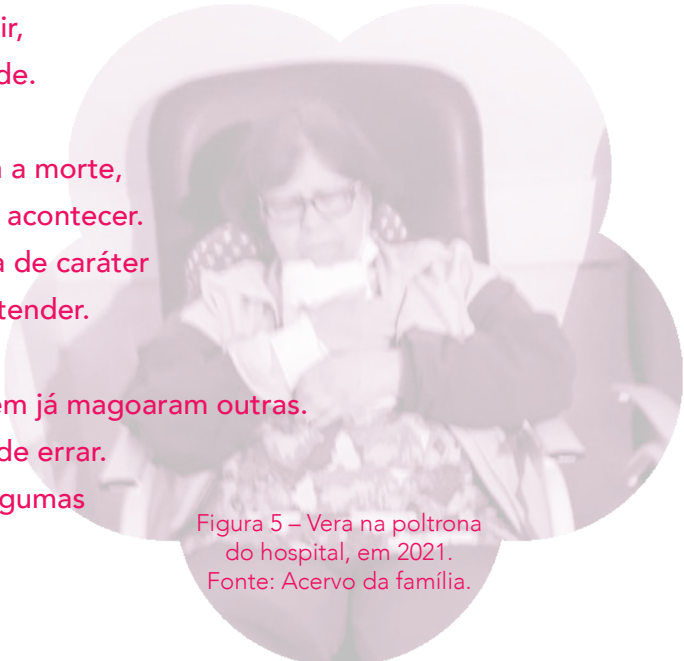


Figura 5 – Vera na poltrona do hospital, em 2021.  
Fonte: Acervo da família.

# A Despedida

Senti que ontem foi nosso último momento juntos nesta vida.

Por que você me deixou tão só?

Você nunca se colou em mim,

E eu sempre me senti tão solta.

Mas eu precisava de você mesmo assim.

Guardar mágoas só ocupa espaço,

Por isso meu peito está tão apertado.

Não estou conseguindo fazer o contrário.



Figura 6 – Vera e seu amor  
no interior, 2014.

Fonte: Acervo da família.

# O Meu Amor

Foi tão triste te ver ir embora.

Por causa da minha idade avançada e dessa pandemia,  
Não pude ficar ao teu lado todos os dias.

Doía muito no peito te deixar com as cuidadoras.

Esses três meses do teu sofrimento  
Foram muito tristes para mim.

Eu entreguei tua vida nas mãos de Deus:

“Senhor, se não vais deixá-lo neste plano numa boa,  
Leva, Senhor, o meu amor para os teus cuidados.”

Naquela noite em que a cuidadora disse  
Que você sairia do pronto-socorro para um quarto,  
Meu coração parecia que ia explodir de alegria.

Pensei:

Graças a Deus você teria um tratamento  
Como todo ser humano merece.

Mas, quando coloquei os olhos em você,  
Vi que seria nossa última noite juntos.

Você na cama,  
Com oxigênio, respirando muito mal,  
Superdebilitado.

Mesmo assim, teu olho verde brilhou  
Quando viu que era eu.

E disse:  
"Minha véia, estás aqui."

Eu vi tua felicidade  
Em estar comigo mais uma vez.

A última vez.




Figura 7 – Vera, seu amor  
e sua filha na praia do Cassino,  
em 1990.  
Fonte: Acervo da família.

# A Morte

Velório é uma humilhação sem reação.

Existe algo mais humilhante  
Do que estar gelada dentro de um caixão,  
Com várias pessoas cínicas ao redor,  
Que, sem vontade de ir, vão?

Eu não tenho dúvidas sobre a cremação do corpo.  
Mas já deixo bem explicado  
Que gostaria de ser cremada,  
Por achar mais cômodo aos familiares.

Porém, acredito que o espírito,  
Se já estiver em uma situação de desapego ao corpo,  
Não irá sentir nada na cremação,  
Como também não sentirá nada  
Na natural decomposição.

Portanto, o mal não está na maneira  
Como o fim será feito,  
Mas sim no modo  
Como o espírito viveu.

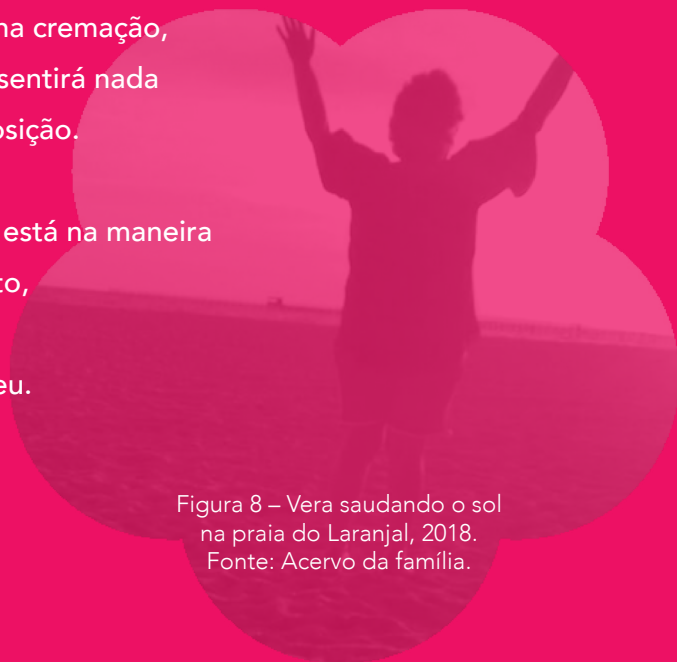


Figura 8 – Vera saudando o sol  
na praia do Laranjal, 2018.  
Fonte: Acervo da família.

*Capítulo 2:*  
*Músicas*

# Vem pra roça

Se não tens dinheiro para ir à academia fazer musculação.

Vem pra roça, meu irmão,  
a roça também é malhação.

Pegue a foice e comece a roçar:

Roça pra cá e pra lá,  
seus músculos vão engrossar.

Vem pra roça, meu irmão,  
a roça também é malhação.

É no cabo da enxada que se rebola até o chão.

Quando a enxada não corta,  
se corta com a mão.

Vem pra roça, meu irmão,  
a roça também é malhação.

Para preparar a terra, tens que arar.

Com dois bois e o arado, vamos começar.

Bunda pra cá e bunda pra lá,  
nosso bumbum vai levantar.

Vem pra roça, meu irmão,  
a roça também é malhação.

Para plantar, abre-se uma covinha na terra  
e coloca-se a sementinha.

Depois vamos tapar.

Um pezinho pra cá e outro pra lá,  
é assim que aprendemos a dançar.

Vem pra roça, meu irmão,  
a roça também é malhação.

Nossos olhos vão brilhar,  
nossas pupilas agradecer  
e a plantinha vai crescer.

Vem pra roça, meu irmão,  
a roça também é malhação.



Figura 9 – Vera no sítio, em 2014.

Fonte: Acervo da família.

# Quero me casar

Amado, amado!

Passei minha vida inteira atrás do arado  
não tive tempo para arrumar namorado.

O bumbum foi ficando comprido,  
não tive tempo para arrumar marido.

Agora quero, quero me casar  
para ter com quem deixar minha herança.

Vou te dar o meu currículo:  
tenho uma grande estância,  
muito dinheiro na poupança  
e já tenho até as alianças.

Quero, quero me casar.  
Não tenha medo, não:  
não precisa nem pagar pensão,  
eu já passei do período de fertilização

Quero, quero me casar  
para dar tudo  
que passei a vida inteira pra ganhar.

Quero, quero me casar.  
Idoso, não —  
eu prefiro um rapagão  
que tenha bastante tempo  
pra gastar o meu dinheirão.

Quero, quero me casar.  
Não precisa nem ter bom coração:  
que saia todas as noites  
e me deixe na solidão,  
um verdadeiro canalhão

Quero, quero me casar.  
Por favor, não me deixe morrer solteira,  
sem eira nem beira.

De qualquer maneira,  
já comprei minha camisola de madeira.



Figura 10 – Vera e seu amor  
na praia de São Lourenço, em 2016.  
Fonte: Acervo da família.

# Funk dançar

Eu sou a velha que o funk quer dançar.  
Dança, dança velha! Que o funk não pode parar.

MC Guimê, suas tatuagens eu não posso rabiscar.  
Tenho tantas rugas  
que em alto relevo elas vão ficar.

Eu sou a velha que o funk quer dançar.  
Dança, dança velha! Que o funk não pode parar.

Depois dos sessenta anos adjetivos vão nos dar:  
melhor idade, terceira idade, idosa...  
mas eu sou a velha que o funk quer dançar.

Eu sou a velha que o funk quer dançar.  
Dança, dança velha! Que o funk não pode parar.

Chega de sofrência, não vou chorar.  
Vou ficar dançando e,  
na bancada da Sonia Abrão, fofocar.

Eu sou a velha que o funk quer dançar.  
Dança, dança velha! Que o funk não pode parar.

“Como é grande o meu amor por você”,  
nem o Rei quero mais saber.  
Só dançar funk pra “sarrada” fazer.

Eu sou a velha que o funk quer dançar,  
Dança, dança velha! Que o funk não pode parar.

Te cuida, Anita,  
que a *Veludi* aqui vai te desbancar  
e com minha bunda arrasar.

Eu sou a velha que o funk quer dançar.  
Dança, dança velha! Que o funk não pode parar.



Figura 11 – Vera dançando na sua festa de aniversário, em 1998.  
Fonte: Acervo da família.

*Capítulo 3:*  
*Homenagens*

# Minha Princesinha do Sul

Ela é linda, formosa e bela,  
Muito me orgulho de morar nela.  
Fui apresentada a ti,  
Vindo de Piratini.  
Aqui cheguei,  
A rodoviária avistei.  
Nela os ônibus estacionavam de ré,  
Vim um pouco de carona e um outro pouco a pé.

Pelotas, cidade maravilhosa,  
Com suas ruas planas e retas,  
Boa para passear  
A pé ou de bicicleta.  
Neste ano de 2012  
Completas duzentos anos de fundação,  
E eu, há cinquenta anos,  
Acompanhando tua evolução.

Na faculdade existiam  
Apenas dois cursos de graduação.  
Esgoto? Acho que não tinha, não...  
Pois, ao cair da tardinha,  
Sentia-se um grande cheirão.  
Eram os cabungueiros passando  
Com nossas cacacas na mão.

Hoje são ruas,  
Antes eram estradas,  
Por onde passavam carretas  
Por bois ou cavalos puxadas,  
Distribuindo leite engarrafado.  
Quando o leite apareceu ensacado,  
Foi algo muito engraçado.

Duzentos anos  
Não se contam nos dedos,  
Mas, com certeza,  
Esta cidade guarda muitos segredos.  
Segredos bem guardados,  
Que talvez nunca sejam revelados.  
Segredos da paixão  
E também da escravidão.  
Muita gente, nesta terra,  
Já dormiu no chão.

Existiam casas com porão,  
Algumas no centrão.  
Muitas delas foram tombadas,  
Das outras não restou mais nada.

Minha linda cidade, cheia de imponência,  
Há um quarto de tua existência

Que eu estou aqui  
E ainda muito me orgulho de ti.

Tens três times  
Que considero uns “timão”,  
Mas eu ainda não tive o prazer  
De vê-los com a taça do Gauchão  
Gosto de todos nossos “timão”  
Mas o da Baixada  
É o do meu coração

Queria ser uma cantora,  
Poeta ou trovadora,  
Para cantar e rimar  
E de ti, querida Pelotas, poetizar  
Obrigada, Senhor,  
Por neste mundo eu ainda estar  
Para o bicentenário  
Da Princesinha comemorar

Oh! Princesinha dos meus encantos,  
Jamais imaginaria  
Que, nos teus duzentos anos,  
Eu aqui continuaria.

Por Porto Alegre, São Paulo  
E até pelo Rio de Janeiro eu andei,  
Mas foi aqui, em Pelotas,  
Que de verdade me realizei.

Em fábrica, em curtume,  
Em peixaria trabalhei.  
Foi assim que meu dinheiro ganhei  
E, nesta querida terra,  
Meus filhos criei.

Um lugarzinho aqui  
Eu já quitei,  
E, se Deus quiser,  
Na minha Princesinha do Sul  
Eternamente descansarei.



Figura 12 – Vera na praia do Laranjal, em 2020.  
Fonte: Acervo da família.

# Meu Netinho

Que noite tão linda,  
Que noite cheia de luz.  
A noite em que meu filho chegou e me disse:  
“Mãe, minha esposa vai dar à luz.”

Não imaginas a emoção que me deu.  
A luz que a esposa dele vai dar  
É o netinho meu.

Obrigada, Senhor,  
Por mais essa graça que me deu:  
Ainda estar neste mundo  
Para ver o filhinho do filho meu.

Não importa o nome que vão te dar,  
Com certeza, meu lindo netinho,  
É para sempre que eu vou te amar.

Tenho pouco a pedir  
E muito a agradecer.  
Podes crer, meu lindo netinho,  
Na minha vida só estava faltando você.

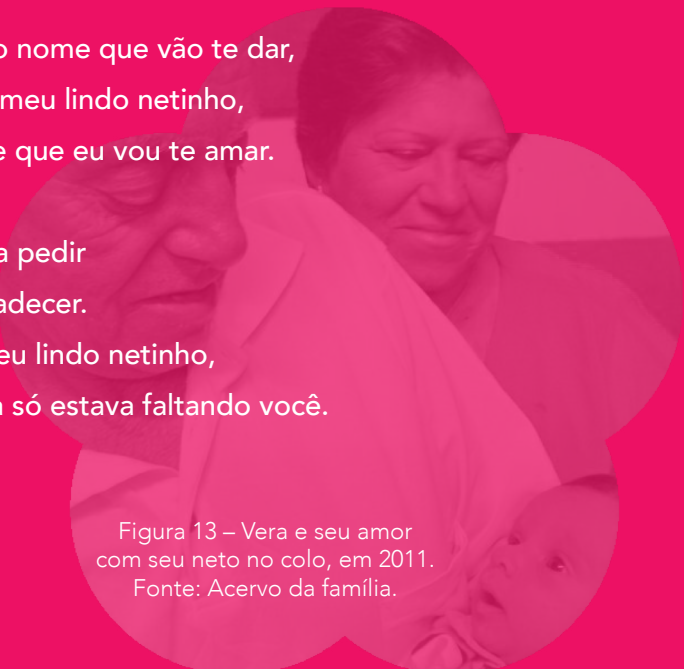


Figura 13 – Vera e seu amor  
com seu neto no colo, em 2011.  
Fonte: Acervo da família.

# Minha Netinha

Minha menina, eu vou te esperar.

Minha menina, eu vou me operar.

Minha menina, eu quero voltar

Para teu chá de bebê preparar.

Minha menina, eu quero te ver,

Te beijar e te cheirar.

Minha menina, Deus vai me ajudar.

Em meus braços eu vou te embalar.

Minha guria,

Filha da minha filhinha,

Já preparei uma casinha

No meu coração,

Que cabe a vocês duas

Para me encher de emoção.

Netinha,

Você será minha última realização.

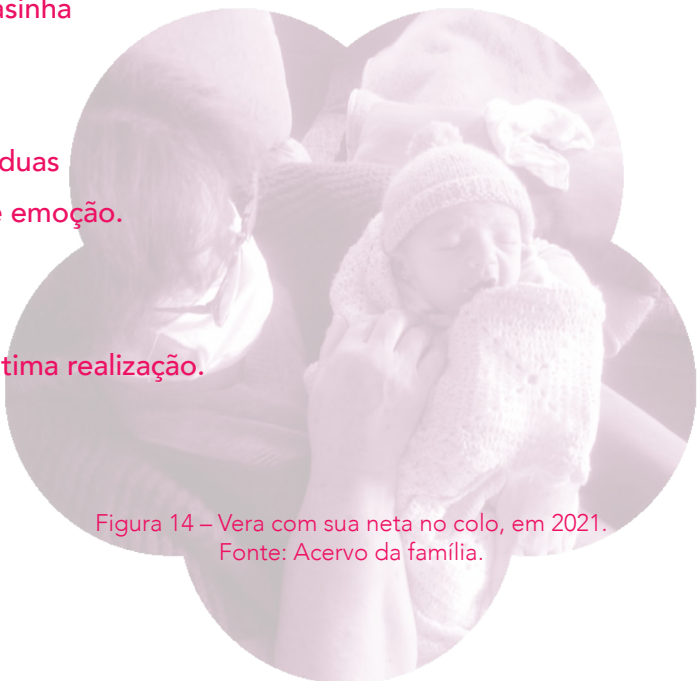


Figura 14 – Vera com sua neta no colo, em 2021.

Fonte: Acervo da família.

# Minha Filhinha

Chegou o grande dia,  
Vou me arrumar:  
Minha filhinha vai se formar.

Filhinha, quando te pari,  
Tinha certeza de que ias me sustentar.

Na minha casa já tem parede,  
É só colocar a rede  
Para eu me balançar.

Filhinha, essa é a lei da vida:  
Enquanto eu estiver  
Na minha rede balançando,  
Tu vais estar trabalhando  
Para uma boa vida me dar.

Minha mãe sempre dizia  
Que a criação temos a obrigação de pagar.

Agora chegou minha vez de cobrar:  
Minha filhinha concursada e formada,  
Vou aproveitar.

Filhinha, claro que é tudo brincadeira!  
Com certeza, na minha rede eu vou me balançar,  
Mas, se Deus quiser, tu não irás precisar me sustentar.

Filhinha, que dia maravilhoso:  
O dia em que te coloquei no mundo.

Para mim nasceu uma linda estrela,  
Uma miss, uma princesa.

Te amo, filhinha.  
Tu me fazes muito feliz.

Nem que eu viva cem anos  
Jamais poderei te explicar  
O bem que tua vida,  
Para a minha vida, dá

Se um dia tiveres filhos,  
Para eles podes dizer:  
Minha mãe teve muito orgulho  
De me ver nascer e crescer.

Hoje já és uma mulher adulta.  
Mérito teu  
Estar concursada e formada.  
Mas podes crer, filhinha,  
Que por ti eu continuo toda babada.

Lembras, minha filha,  
Quando eu tentava te explicar

Que nem sempre podemos fazer aquilo de que gostamos?  
Devemos aprender a gostar daquilo que fazemos.

Não imaginas a emoção que me deu  
Quando tu me respondeste:

“Mãe, eu estou no caminho certo.  
Eu faço o que gosto  
E gosto daquilo que faço.”

Desculpa, minha filha,  
Pelo pouco que pude te ensinar.

Eu só tenho a agradecer,  
Pois contigo ainda tenho muito a aprender.

Quando tu nasceste,  
Eu tinha certeza  
De que jamais iria dizer:

“Onde foi que eu errei?”

Eu não errei.  
Eu só te amei.★

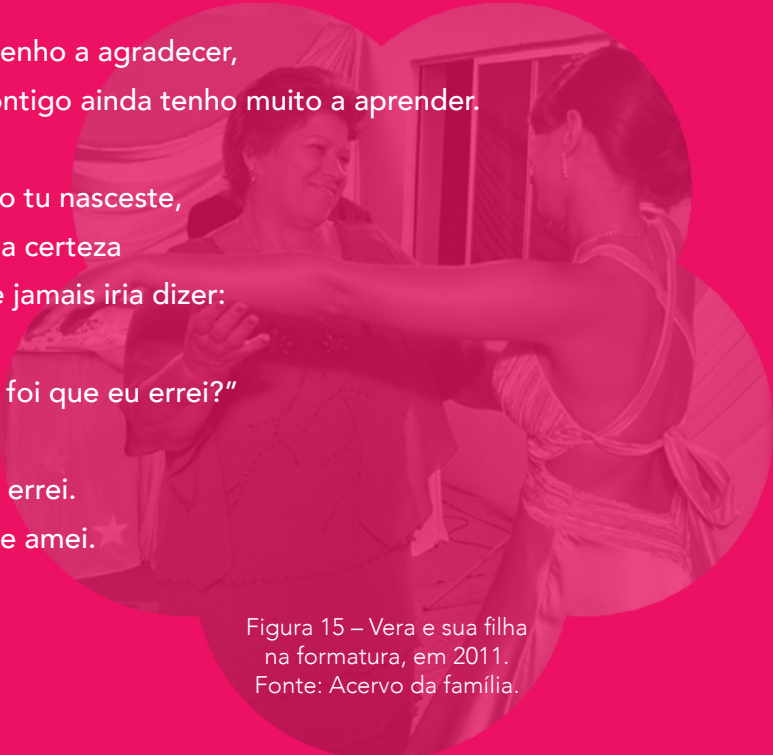


Figura 15 – Vera e sua filha  
na formatura, em 2011.  
Fonte: Acervo da família.

# Resposta da Filhinha

Josiane Duarte dos Santos Crizel

Chegou o triste dia.

Vou muito chorar.

Um dia há de acalmar.

Mãezinha, o dia em que você me deixou

Parecia mentira.

Meu coração murchou.

Essa é a lei da vida:

Os pais dão vida aos filhos,

E os filhos se despedem dos seus pais.

Você sempre me dizia

Que essa lei da vida

Não queria mudar,

Para não ter que um filho enterrar.

Mãe, como foi bom ser tua filha

E esse sentimento poder te demonstrar.

Você foi embora

Sabendo que sempre irei te amar.

Se hoje sou concursada e formada,  
Certamente foi por sua causa:  
Você sempre me incentivou,  
Mas nunca me obrigou.

Se hoje me balanço na rede,  
Foi porque um dia você  
Lutou e trabalhou para me sustentar  
E essa herança me deixar.

Nem que eu viva cem anos  
Jamais poderei explicar aos meus filhos  
O bem que foi ser tua filha  
E te ter como mãe exemplar.

Saudades eternas vão ficar.  
Esses pensamentos vão me acalantar  
E teu legado vai continuar.

Para sempre vou te amar.

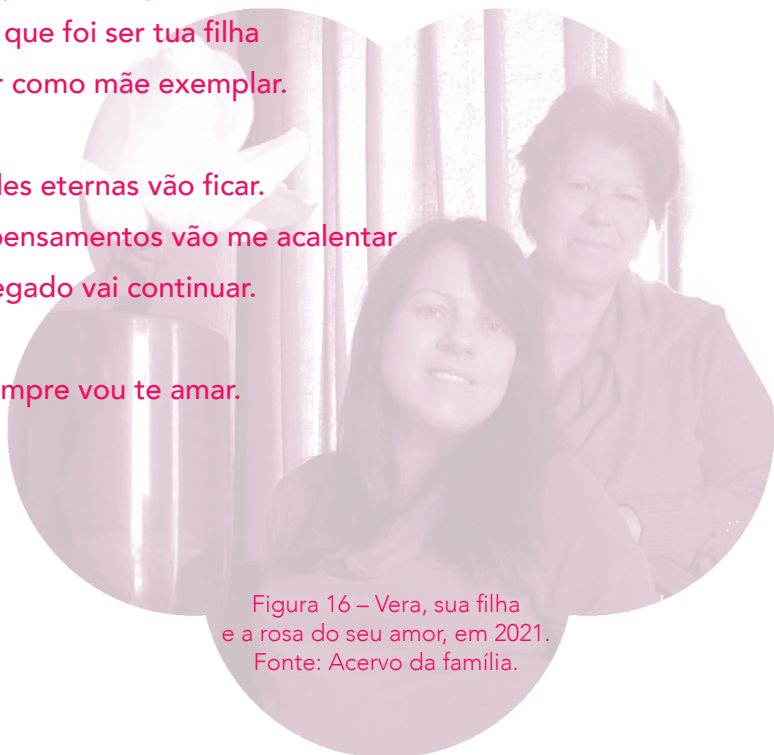



Figura 16 – Vera, sua filha  
e a rosa do seu amor, em 2021.  
Fonte: Acervo da família.



Logomarca criada por  
Patrícia Koschier Buss Strelow  
CCS – IFSul

Este livro foi editorado com as fontes Dancing Script e Avenir  
Versão digital (*e-book*), em acesso aberto, disponível em:  
<http://omp.ifsul.edu.br/index.php/portaleditoraifsul>



Você já experimentou sentimentos como solidão, tristeza, raiva, decepção, orgulho, alegria ou amor? Registrar pensamentos e sentimentos pode aliviar o coração e permitir que experiências pessoais encontrem eco na vida de outras pessoas.

Esta obra nasce justamente dessa necessidade de expressão. Em cadernos pessoais, Vera Lurdes Duarte registrou desabaços, memórias, afetos e reflexões sobre diferentes momentos de sua vida, marcada por dificuldades e superações. Após sua partida, sua filha reuniu e organizou esses escritos, transformando palavras íntimas em uma obra que preserva sua memória e compartilha sua história com o mundo.

*De mãe para filha e de filha para o mundo* é uma homenagem à força das mulheres, ao valor das memórias e ao poder da escrita.